

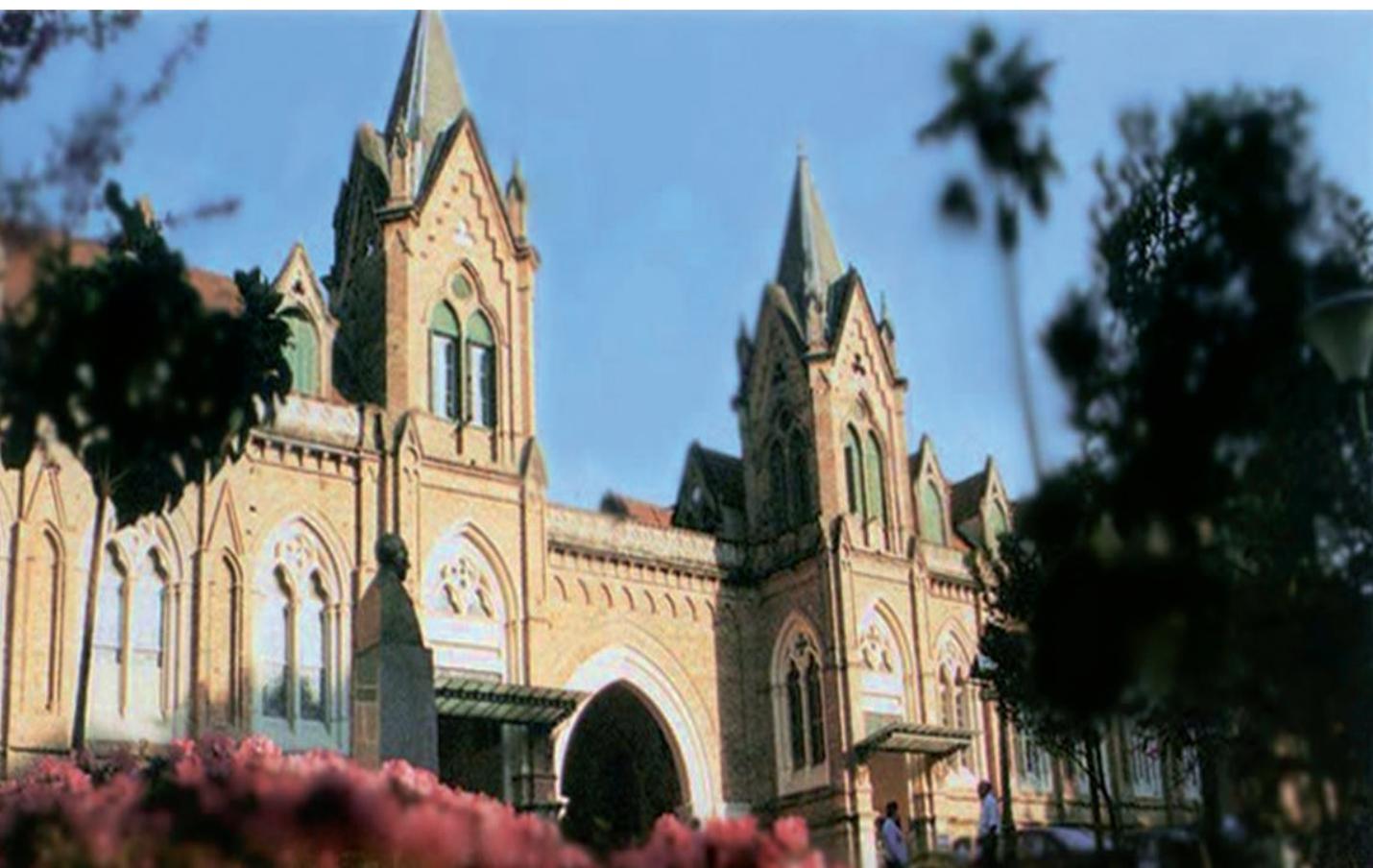
cultural

Este caderno é parte integrante da Revista da APM – Coordenação: Guido Arturo Palomba – Maio 2013 – Nº 246

Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo

50 anos, parabéns!

Guido Arturo Palomba



Disponível em: <<http://www.fcemsusp.edu.br/>>

Em chão paulista, na primeira metade do século XIX, no bairro da Liberdade, aprendia-se medicina e cirurgia no Hospital da Santa Casa, situado na Rua da Glória. Os

estudantes moravam nas redondezas, atual Rua dos Estudantes. À época ainda não havia escola médica em São Paulo.



FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DA
SANTA CASA
 DE SÃO PAULO

Quando Arnaldo Vieira de Carvalho, no milagre da multiplicação, criou a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, os alunos aprendiam com os mestres nos leitos da Santa Casa, já instalada na chácara do Arouche, local onde se encontra até hoje.

Dessa maneira, é possível dizer que a Santa Casa é o berço do ensino médico em São Paulo, honra ao aluno, ao professor e ao magistério no seu sentido mais nobre e educativo, verdadeiro apostolado de civismo e de dedicação.

Porém, na década de 1930, criou-se a Universidade de São Paulo e os alunos migraram para o prédio da Av. Doutor Arnaldo. Na mesma década, nasceu a gloriosa Escola Paulista de Medicina, cujos alunos, no início, frequentavam as enfermarias da Santa Casa, até instalarem-se, definitivamente, na década de 1950, no Hospital São Paulo, na Vila Clementino. Na mesma década, o Hospital das Clínicas ficara pronto. Assim, o berçário do ensino e das primeiras escolas médicas, a Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, sem estudantes na década de 1950, carecia da até então presente união do mestre a ensinar com o discípulo a aprender, que ao paciente beneficia.

E aqui um preito de louvor a Celestino Bourroul (e ao seu imortal filho, José Celestino Bourroul, saudoso Mordomo da Irmandade), o Médico Santo, um dos padroeiros do ensino, que tanto lecionou na colenda Casa de corredores góticos.

Não tardou para que grandes vates da medicina se unissem em prol da materialização do sonho imorredouro da criação da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo. O imenso Walter Edgard Maffei foi uma das vozes que lideraram o movimento, até que excelsa plêiade

de educadores enviou documento à Provedoria da Irmandade, solicitando “ensino médico nesta Santa Casa, visto que, segundo verificação universal, hospital em que não se pratica o ensino e de onde é banido o estímulo ao estudo e ao rápido esclarecimento aos casos clínicos rapidamente se transforma em mero depósito de doentes”¹.

Em outubro de 1962, a Provedoria aprovou a criação da Faculdade e, em 24 de maio de 1963, foi proferida a Aula Magna, por Pedro Calmon, Reitor da Universidade do Brasil, a inaugurar a novel Escola.

Emilio Athié, Renato Woiski, Adauto Barbosa Lima, Stanislaw Krynski, Waldemar de Carvalho Pinto, João Fava, Ernani Rolin, Valdir Golin, mestres e discípulos que se tornaram mestres, diretores nestes 50 gloriosos anos de ensino, em vossas excelsas pessoas os cumprimentos pela efeméride, extensivos a todos os alunos formados e formando, professores, funcionários, colaboradores e, especialmente, aos doentes que um dia, internados ou de passagem pela Misericórdia, com suas dores e sofrimentos, contribuíram à *ars longa* do saber médico.

Parabéns pelos 50 anos, Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo.

¹ Ata de 20 de abril de 1956, livro 36, p. 1.169, disponível em: www.femscsp.edu.br, acesso: em 4/4/2013.

Cotidiano em uma Residência Terapêutica, escrito por um Acompanhante Terapêutico

Danilo Salles Faizibaioff

O nascer do dia anuncia mais uma turbulenta manhã, precedida por uma madrugada na qual o mundo dos sonhos revelara sua inquietação. Isso quando a insônia, fiel escudeira dos mais variados tipos de perturbações mentais, resolveu tirar férias de alguns poucos dias...

Ao adentrar a casa, deparo-me com o aconchegante aroma do café harmonizando com os pães franceses fresquinhos, que acabaram de chegar da padaria. Dudu exalta-se de alegria ao me ver entrar, abraçando-me com força e pegando na minha mão, de forma que eu o acompanhe até onde, juntos, possamos contemplar os primeiros raios so-

lares do dia. “Você é meu amigo?”, pergunta-me pela enésima vez naquela semana. Déficit cognitivo-mnemônico causado por lesão estrutural devido à hipóxia no parto? Ou “simples” necessidade humana de ser reconhecido num vínculo recíproco banhado de afeto e confiança? Como compreender ou mesmo explicar o que se passa com esse menino de quase 30 anos de idade?

Dona Firmina ainda não acordou. Se incomodam seu delicado sono, que para engatar leva quase que uma eternidade, mas é facilmente pulverizado pelo tom grave da minha voz, fica braba e desce até a sala para tirar satisfações.



Suas incessantes queixas de tontura, dores nas costas e perda de capacidades sensoriais, cuja etiologia inexistia nos mais modernos exames de sangue e de imagem, não se cansam de existir, insistir e resistir às intervenções fármaco-psicológicas. “Vou sair do ar”, afirma, em analogia ao sinal da TV a cabo, que cederá, na noite anterior, devido às fortes tempestades de verão.

Na calada da noite, gritos de horror me impelem a abandonar o conforto da minha cama de plantonista e solapar todo o cansaço acumulado depois de 16 horas seguidas de trabalho. Subo correndo para averiguar o que acontece com Raul. Encontra-se em seu quarto, recaído de álcool e cocaína, agitado e beirando o descontrole destrutivo. Sua voz se altera, pronuncia palavras num misterioso idioma, sua afeição está distorcida. Eis o anúncio da angústia no registro do demoníaco, denunciando todos aqueles significativos encontros humanos que não puderam se dar em sua história. Adicção farmacológica, ansiedade fronteira, sofrimento sem rosto! Frente à urgência e à emergência que revelam o impasse do dependente químico em estabelecer-se para além de sua toxicomania auto e heterodestrutiva, penso em como seria útil contratarmos John Constantine para nossa equipe. Acompanhante terapêutico ou exorcista? Que trabalho é este que me propus a fazer? Que diabo inventou este tão disruptivo dispositivo de serviços residenciais terapêuticos?

Na tensão entre o normal e o patológico, entre o afeto da confiança e a fantasia persecutória, do acontecimento banal ao espetáculo do bizarro, (des)constitui-se o cotidiano desta casa, o qual seria (ainda mais) indescritível se a cultura humana não houvesse desenvolvido a linguagem poética.

O trabalho de Acompanhamento Terapêutico de pacientes graves, dentro e fora de uma Residência Terapêutica, comporta ricas observações e intervenções clínicas, baseadas na convivência compartilhada de um cotidiano que se visa construir. Complementa-se na troca de ideias, sensações

e informações com seus psiquiatras, psicoterapeutas, familiares, amigos e, até, outros acompanhantes terapêuticos. Todos estes diálogos implicam importante objetivo comum: restaurar a autonomia daquele que, um dia, viu-a solapada por contingências mórbidas, sociais e políticas.

E, assim, vamos entendendo a autonomia como o (re) estabelecimento progressivo das relações de interdependência social dentro do território de cada sujeito. Sendo a Residência Terapêutica e as relações que ali se estabelecem, tanto com a equipe como com os outros moradores, seu ponto de partida, revela-se para nós, como muito bem colocou o psiquiatra e psicanalista Nelson Carozzo¹, “a potência terapêutica do fato cotidiano”.

¹ In Cauchick, M. P. *Sorrisos inocentes, gargalhadas horripilantes*. Intervenções no acompanhamento terapêutico. São Paulo, SP: Annablume, 2001, p. 19.

Sempre Ruth

Ives Gandra da Silva Martins

Como tens o olhar profundo,
Mais vasto que o vasto mundo,
Compreenderás meu naufrágio,
 Afoguei-me sem morrer,
 Ficando preso meu ser
Neste amor de um só contágio.

 Contágio de teu olhar,
 Ora verde, como o mar,
 Ora cinza, ora castanho.
Que me faz a vida inteira,
 Uma vida seresteira,
Com versos vindos d'antanho.

O tempo passa e descubro,
Tal rubi formoso e rubro,
 O teu encanto infinito
E caminho, passo a passo,
Abrindo, louco, no espaço,
Meu amor cravado em mito.

As palavras sempre as mesmas,
Desvendam pinturas esmas,
 No meu velho coração.
 Tenho a alegria de tê-la,
Minha deslumbrante estrela,
Que contemplei desde o chão.

Eu não sei como os sextetos
 Terminar, tais os coretos
 Que o moderno eliminou.
Meus versos seguem a sina,
Pois te veem sempre menina,
Versos que já não dão show.

 Eu sinto dificuldade
Em compor na minha idade,
 Mesmo sendo para ti,
Mas não paro, pois assim
 Continuas no jardim
Deste sonho que vivi.

 Querida, amo-te tanto,
Que me causa muito espanto
 Acordar tendo-te ao lado
 E sou grato eternamente
A Deus, que a mim, indigente,
 Me tornou o teu amado.

 E neste sexteto paro,
Na inspiração sem amparo,
 Visto qu'és a minha vida
E a fraqueza destes versos
Vale mais do que universos,
 Pois são para ti, querida.

Jaguariúna, 29/03/2013.

Jessie Gomes dos Reis

Psiquiatra Inovadora (1920-2013)

Léa Vinocur Freitag

Em nossos dias, as diversas modalidades de psicoterapia são discutidas até entre amigos — fala-se com desenvoltura em Freud, Jung, Lacan, sem nenhum preconceito ou sigilo. Desde cedo, as crianças frequentam psicólogos e terapeutas, e os termos “bipolaridade” e “déficit de atenção” são mencionados com a mesma naturalidade de um resfriado.

Nem sempre foi assim. Antes das grandes transformações dos anos 1960, quem ia ao psiquiatra corria o risco de ser visto como louco, e o próprio psiquiatra era considerado um pouco estranho. A médica neuropsiquiatra Jessie Freire Gomes dos Reis contribuiu, com o trabalho pioneiro, para desfazer esse tabu, pois seu consultório sempre foi frequentado por pais, filhos, crianças e muitos médicos, colegas que procuravam entender as mudanças dos novos tempos.

Muitos terapeutas ortodoxos não tratavam de pessoas da mesma família e sempre cobravam pelas consultas, para não gerar uma gratidão que poderia comprometer o tratamento. A Dra. Jessie não obedecia a essas normas, atendia membros da mesma família e não cobrava de médicos e de seus dependentes. Recebia pessoas que lhe eram próximas e também amigos da sua terra natal, Guaratinguetá. Representava a figura saudosa do “médico de família”, que dava conselhos, receitas ou encaminhava para outros especialistas. A Dra. Jessie perguntava por toda a família e lembrava-se



do problema de cada um, antes mesmo de consultar qualquer fichário. Atendeu clientes na própria residência até uma semana antes de falecer, em 2 de março de 2013. Completaria 93 anos em 28 de maio.

Formada pela Escola Paulista de Medicina (atual UNIFESP) em 1951, a Dra. Jessie foi professora adjunta de Neurologia nessa instituição. Percorreu uma trajetória sólida e interdisciplinar, que englobou conhecimentos de

Clínica Médica (desde os tempos do Prof. Jairo Ramos), Neurologia e Psiquiatria.

Manteve contatos de colaboração e pesquisa com os grandes mestres da Neurologia: Prof. Paulino Longo (com quem trabalhou por trinta anos), Paulo Pinto Pupo (precursor do serviço de eletroencefalografia no Brasil), Aloísio Mattos Pimenta, Paulo Mangabeira Albernaz, entre outros.

Além de ter atuado no Amparo Maternal, trabalhou durante dez anos no Instituto Paulista de Psiquiatria, foi presidente do Serviço de Reabilitação do Epiléptico e fundou a Seção de Higiene Mental da Pediatria da Escola Paulista de Medicina. Outra iniciativa pioneira foi a Seção de Medicina Psicossomática do Departamento Estadual da Criança (Secretaria da Saúde), cuja continuidade coube à Dra. Lúcia Felmanas Akerman.

O início do trabalho da Dra. Jessie em consultório data de 1951 e o auge de carreira se deu nas décadas de 1970

e 1980, quando a elite de São Paulo prestigiava o consultório da Rua José Maria Lisboa: médicos e familiares, políticos e empresários. Sua intuição e experiência a levavam a avaliações objetivas e a soluções práticas, valorizadas por pacientes do mais alto nível. Naquela época, sua casa no Morumbi era muito frequentada, inclusive nas festas juninas, às quais compareciam amigos, familiares e clientes. As reuniões davam muita alegria à sua mãe, que já estava idosa.

No consultório, a Dra. Jessie adotava também a psicoterapia de grupo, formado por pessoas com perfil heterogêneo, para que os participantes ampliassem seus horizontes, tomando contato com diferentes maneiras de pensar e de equacionar problemas e soluções.

A Dra. Jessie era leitora atenta de muitos temas e autores, com preferência por História e Filosofia. Apreciava a obra de Rabindranath Tagore, poeta e filósofo indiano, contemporâneo de Gandhi. Sua observação da luta diária de tantas pessoas a levou a uma conclusão: o que menos se perde na vida é em dinheiro. De fato, muitas vezes se perde a saúde, a dignidade, a esperança. Às vezes, o preço em dinheiro pode ser pago, enquanto outros valores não têm preço.

Alguns escritos da Dra. Jessie confirmam o compromisso profundo com a profissão:

“Nossos aventais e sapatos brancos harmonizam as divergências das cores.

O branco que omite, neutraliza, mascara, acalma e obriga à dignidade.

O branco que não permite identificações e emoções.

O branco que não se macula com as lágrimas dos que sofrem, enquanto conforta”.

Enfermeiras

Walter Argento

Vestes brancas nos alvos corredores,
ágeis, silenciosas, suportam gritos,
compartilham ais, amenizam dores,
determinadas, cuidam dos aflitos.

Perfumam nossos quartos, como as flores,
consagram-se aos cânones prescritos...

Compassivas, alentam sofredores,
nesse encanto, sintomas são proscritos.

Arguto olhar em nossos sobressaltos,
destinadas ao solitário amor,
socorro e fé em todos os ressaltos.

As ENFERMEIRAS, tal como os arcanjos,
em nossa letargia e na dor,
mais do que santas, são os nossos ANJOS!



12 de MAIO: Dia do Enfermeiro e da Enfermeira

Léa Vinocur Freitag

Professora titular pela USP-Comunicações e Artes
e Doutora em Ciências Sociais

Analogias em Medicina (n. 32)

Eos: a deusa da madrugada. A mitologia grega registra a famosa tríade das divindades celestes e comenta sobre suas inúmeras e indispensáveis atividades. São representadas por Hélio, o Sol; Eos, a Aurora e irmã de Hélio; e Selene, a Lua, esposa do Sol. Hélio é a personificação da luz solar, sendo filho do titã Hipérion e da titânide Teia. Os gregos o imaginavam como um enorme olho que via tudo das alturas, ou como um esplendoroso jovem com cabelos de ouro e coroa de raios. Todas as manhãs, Hélio ajeitava-se em um carro alado, conduzido por cavalos de fogo, iniciando sua viagem do Oriente até a profunda corrente do rio Oceano, para passar pela Terra e alcançar a cúpula celeste. Ao meio-dia, encontrava-se no ponto mais alto do céu, para, em seguida, descer lentamente, chegando ao ocidente e fundindo-se com Oceano, o rio que circundava o mundo.

Eos, a Aurora, a deusa da madrugada e irmã de Hélio, de cor róseo-avermelhada, traz a primeira luz da manhã e anuncia a viagem do Sol. É a divindade dos “dedos cor-de-rosa”, segundo o poeta Homero. Seu brilho incomparável e a frescura que contém foram motivo de admiração e, por consequência, objeto do desejo e do amor de muitos jovens.

De acordo com a tradição, Ares enamorou-se de Eos e a cortejou, porém foi rejeitado por ela. Afrodite, a deusa do amor, insatisfeita com sua conduta, condenou-a a enamorar-se de todos os jovens belos que encontrasse. Assim, Eos se uniu a vários jovens. Contudo, foi raptada por Titono, que, em seu carro de fogo, levou-a ao seu palácio, onde se casaram. Para tê-lo sempre a seu lado, Eos rogou a Zeus que o fizesse imortal. Zeus atendeu o seu pedido e o fez eterno, mas não lhe concedeu a eterna juventude. Assim, chegou um momento em que Titono estava tão consumido pelo tempo, que mal se podia escutar sua voz. Eos, para libertar-se de semelhante tormento, transformou-o em cigarra.

A deusa grega da madrugada Eos (ingl., *The Greek goddess of the dawn*) serviu de inspiração conveniente para a palavra *eosina*

— corante róseo-avermelhado — muito usado em histologia, histopatologia, hematologia e microbiologia. O corante eosina é um sal sódico da tetrabromofluoresceína e faz parte também da composição de tintas e cosméticos. O termo eosinófilo foi criado por Paul Ehrlich — bacteriologista e imunologista alemão — para os glóbulos brancos que têm afinidade para os corantes ácidos e, por isso, mostram grânulos róseo-avermelhados no citoplasma. Trata-se de leucócito muito importante na defesa contra helmintos, sobretudo nos que invadem tecidos. Adere-se ao corpo de parasitos e libera substâncias com efeito helmintocida. Sua presença é também indispensável na caracterização e no diagnóstico de certas doenças. Outros termos relacionados e muito conhecidos dos profissionais da saúde incluem eosinofilia e eosinopenia, isto é, o maior ou menor número de eosinófilos no sangue periférico; eosinofílico, que significa elementos celulares ou teciduais que se coram facilmente pela eosina; eosinofilúria: presença de eosinófilos na urina; eosinotaxia: movimento de eosinófilos com referência a um estímulo que os atrai ou os repele; eosofobia: pavor mórbido das madrugadas ou do amanhecer (*eos*: madrugada, amanhecer; *fobos*: medo). O antipositivo eo(s) ocorre também em cultismos, preferentemente da terminologia geológica e mineralógica.

Texto baseado em:

MARIA MAVROMATAKI. *Mitologia Grega*. Atenas: Ediciones Xaitali, 1997.

PENA, GP, ANDRADE-FILHO, JS. *Analogies in medicine: valuable for learning, reasoning, remembering and naming*. Adv in *Health Sci Educ* 2010 Oct; 15(4):609-19. Epub 2008 Jun 5 e outras fontes.

José de Souza Andrade Filho

Professor de Anatomia Patológica da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Carlos Alberto Monte Gobbo

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (*in memoriam*), Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Arary da Cruz Tiriba, Luiz Fernando Pinheiro Franco e Ivan de Melo de Araújo

Cinematoteca: Wimer Bottura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany (curador, *in memoriam*), Nilceo Schwery Michalany (vice-curador)

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.